

## 5. CONCLUSÃO

O objetivo central desta tese foi, partindo da investigação crítica de discursos variados a respeito do grande evento histórico ocorrido no Brasil, chamado *Guerra de Canudos*, traçar um grande painel evidenciador da complexa trama textual que compõe o espólio do conflito. Para isso, três caminhos distintos, mas integrados entre si, foram percorridos. Antes porém, na introdução do trabalho, foram apresentados pressupostos teóricos básicos norteadores do pensamento a ser estabelecido a respeito dos textos estudados.

Do campo disciplinar da Nova História, destaca-se com capital importância o texto de Michel de Certeau, “L’opération historiographique” (1975), a partir do qual assume-se uma postura comprometida com a reflexão a respeito das tarefas de leitura, e principalmente de escrita, do historiador de hoje. A idéia de operação historiográfica está centrada no arranjo de um lugar social, de práticas científicas e da autoconsciência das formas de representação construtivas do discurso da história. Fruto do que a *nouvelle histoire* francesa chamou nos anos 70 de despertar epistemológico, o envolvimento acadêmico-institucional dos pesquisadores passou a ser mais claramente percebido.

Ao lado desse pressuposto básico, surge a fundamental diferenciação proposta por Linda Hutcheon entre “evento” e “fato”, conceitos que iriam se mostrar muito eficientes no trato do variado *corpus* de estudo, cujos textos freqüentemente transitam em fronteiras de diferenciação muito tênues entre si. Além disso, principalmente no capítulo dois da tese, muitos dos textos trabalhados permitem a problematização de aspectos que passariam despercebidos numa visão totalizante da história. O conceito de não-acontecimental tal qual o entende e aplica Paul Veyne (1971) mostrou-se então de grande valia para este estudo. No decorrer da tese, pude me valer também de outros conceitos advindos da Nova História, de acordo com as solicitações das abordagens pretendidas para cada segmento do material de estudo. Assim, idéias concernentes à história imediata foram fundamentais para tentar compreender as atividades jornalísticas na guerra, assim como a discussão sobre história-narrativa e história-problema, na perspectiva de François Furet, se mostrara, eficiente para a abordagem de obras

narrativas ficcionais ou poéticas. Da mesma forma, para a reflexão a respeito de eventos históricos e de sua permanência, utilizou-se como ferramenta as idéias de Fernand Braudel e Michel Vovelle a respeito da história associada à longa duração.

Fundamental também foi a conceituação de Schmidt a respeito do construtivismo para tornar consciente a falaciosidade da idéia de passado como imagem da verdade. As imagens traçadas no meu texto, fruto da análise da construção factual dos respectivos autores com os quais trabalho, não estabelecem uma identidade direta com os eventos. Quando muito o fazem como uma certa maneira de um escritor sociologicamente determinado apreender uma faceta do evento. A partir dessas conceituações iniciais, boa parte das idéias teóricas para o estudo do material selecionado encontrou no trabalho *Teoria da história, historiografia e diacronologia*, de Gebhard Rusch (1996) um apoio teórico significativo.

De posse desse arsenal teórico, pude percorrer em três etapas o *corpus* estabelecido. No capítulo dois, trabalhei a diversificada documentação disponível, que tenta empreender uma visão totalizante dos acontecimentos da guerra. Estão ali produções jornalísticas e historiográficas, além de artigos e crônicas publicados nos principais periódicos da época e relatórios e diários de campanha. Postos lado a lado, os documentos evidenciam, a despeito da inexistência, na época, daquela coleção teórica, as operações jornalísticas e/ou historiográficas empiricamente empreendidas pelos escritores. É certamente enriquecedor da reflexão o fato de os autores estarem certos de que os fatos por eles representados correspondessem de forma especular aos acontecimentos. Vemos ali então toda sorte de pensamentos capazes de refletir preconceitos intelectuais e morais que condicionaram, em primeiro lugar, a postura tomada pela elite e pelo governo brasileiro em relação ao conflito, e também a escrita encetada por diversos autores a partir da sucessão de eventos no sertão.

O segundo momento de análise congrega os ecos da guerra, ou seja, as produções literárias, imagéticas e cinematográficas posteriormente produzidas, baseadas nos discursos produzidos durante o conflito e nos anos que o sucederam. São produções herdeiras da problemática inerente àquele tipo de escrita, estudada no capítulo dois. O eco é uma imagem importante nesse trabalho, porque

representa o reflexo de um sinal primeiro, percebido *a posteriori* não como uma repetição, mas como algo distinto do que foi transmitido originalmente. Por outro lado, é uma imagem associável a algo que se espalha, alargando-se lateralmente à medida que perde força penetrativa. Enxergado dessa maneira, a abordagem por vezes apenas panorâmica de alguns elementos do *corpus* se justifica, porque está inserida no grande mural de idéias emergidas do arranjo de tantos e variados textos postos lado a lado. A comparação de produções distintas, mas de relevância equivalente enquanto grandes ecos da guerra podem ser estabelecidos. É o caso do reconhecimento da problematização da história suscitada por obras, nessa perspectiva aproximáveis, como *A guerra do fim do mundo* e *Deus e o Diabo na terra do Sol*. De forma comparável encontra-se a grande história narrativa em imagens empreendidas por Tripoli Gaudenzi, com uma interessante representação de eventos simultâneos, e o filme *Guerra de Canudos* de Sérgio Rezende.

Por fim, procurei tratar os recorrentes e conflitantes aspectos da biografia de Antônio Conselheiro, uma vez estabelecido em linhas gerais o provável percurso empreendido por ele no período de peregrinação no interior nordestino, por meio de uma escrita-historiográfica que refletisse a complexidade de sua articulação. Ao optar pela organização em pequenos verbetes, os pequenos cacos de um mosaico como me refiro na apresentação do capítulo quatro, procurei evidenciar que, mesmo sendo associáveis entre si, as pequenas visões biográficas não apontam uma grande visão unificada. Ao contrário, elas ressaltam a natureza pluralizada do biografado e da própria história na qual ele se viu envolvido como protagonista, vilão para uns, vítima para outros.

Como finalização deste trabalho, cabe ainda destacar que a abordagem dos textos literários e também dos que da literatura se aproximam sem perder as suas especificidades, produzem no intelectual de Letras a necessidade de pensar *com* as idéias do seu momento presente. Entretanto, o momento presente não pode ser balizado sem um contraponto com o passado. Quanto a isso, Jacques Le Goff afirma que

a distinção entre passado e presente é um elemento essencial da concepção do tempo. É, pois, uma operação fundamental da consciência e da ciência histórica. Como o presente não se pode limitar a um instante, a um ponto, a definição da estrutura do presente, seja ou não consciente, é um problema primordial da operação histórica (Le Goff, 1984, p. 293).

Esse é um exercício constante, pois deve ultrapassar diversas fronteiras: as dos seus pares na comunidade científica em que se insere e as que supostamente delimitam campos disciplinares. Visto por outro ângulo, sua tarefa assume a consciência construtiva e produtora de significados para a tarefa de trabalhar, de seu lugar social, o produto de sua atividade de leitor da cultura em que se insere, consciente de suas limitações científicas.